



REVISTA PIAUÍ EM REFLEXÃO: UM POSSÍVEL PRODUTO DO JORNALISMO LITERÁRIO

Isabella Baltazar (UFES/Capes)¹

Resumo: O presente artigo intenta sondar a possível manifestação do Jornalismo Literário na revista *piauí*, verificando se há, de fato, uma expressão desse subgênero do Jornalismo em seu conteúdo. O Jornalismo Literário propõe um formato que supostamente não cabe a uma enunciação noticiosa/informativa. Ele abriga uma forma ampla de narrar um fato/história que foge da narrativa rápida e “quente” do fazer jornalístico tradicional. Para *piauí*, é vital que as narrativas sejam contadas de forma original, não usual - é permitido o uso de voz autoral e figuras de linguagem. Ou seja, há na disposição textual a permissão para a ação subjetiva, fator que a aproxima das estéticas literárias.

Palavras-chave: Jornalismo Literário; revista *piauí*; Jornalismo de revista; New Journalism.

Em linhas iniciais, é importante salientar que o presente artigo é recorte de dissertação de mestrado intitulada “Interseções entre o jornalismo e a literatura: uma análise de discurso do Jornalismo Literário no Brasil a partir de Realidade e *piauí*”, desenvolvida e apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Espírito Santo. Há, no entanto, atualizações de dados, sobretudo os quantitativos pertinentes à distribuição de *piauí* – uma vez que a pesquisa fora finalizada no início do ano de 2015.

Com a proposta de criar uma revista com perfil editorial que fosse diferente de tudo o que é veiculado no Brasil, a revista *piauí* foi lançada na Feira Literária Internacional de Parati, a FLIP, em 2006. Coincidência ou não, teria características tão originais quanto as propostas pelo então *New Journalism* norte-americano, no Brasil, Jornalismo Literário.

A revista nasce da constatação do idealizador, o cineasta João Moreira Salles, com a ajuda de alguns amigos, de que não havia no Brasil nenhuma publicação que reunisse tudo o que gostava de ler: bons textos de ficção, reportagens com abordagem e temas variados, quadrinhos, entre outros, que se materializaram com a criação do veículo (VALENTINI; IJUM, 2010, p. 76).

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), com bolsa Capes. Mestre pelo mesmo Programa (2015). Participa do Núcleo de Estudos em Transculturação, Identidade e Reconhecimento (Netir), cadastrado no DGP-CNPq. Contato: baltazarisabella@gmail.com.



Sua primeira edição vendeu cerca de 38 mil exemplares. De acordo com dados auditados pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC) em julho de 2016, a carteira de assinantes está em 25.307 assinaturas. A tiragem mensal, por sua vez, é de 56.900 exemplares. O tamanho físico da revista é de 26,5 x 34,8cm (a página). Apresentados seus aspectos físicos, intenta-nos dizer: diante dos produtos comercializados na atualidade, a revista apresenta uma forma incomum de narrar os fatos.

Pensando Jornalismo Literário em *piauí*

Jornalismo Literário é admissão de que as duas áreas, com fundamentos próprios, podem encontrar mecanismos comuns de se beneficiarem. Neste caso específico, trata-se de entender que o universo posto em discussão é o da produção jornalística. Elementos importantes como “fidedignidade”, “veracidade”, “apuração” etc. devem ser mantidos, com referente situado no que se entende como “mundo empírico”.

A objetividade jornalística está ligada à relação que o texto, de forma geral, mantém com a realidade. Essa relação surge a partir de uma submissão do jornalista às regras que ditarão os caminhos por onde devem passar a produção editorial. Perceber o Jornalismo como um discurso de viés amplo, aberto a interações e mutações, leva diretamente à compreensão de que não se pode aceitar pacificamente a ideia de senso comum que “os fatos falam por si só”.

A relevância do fato, a postura do repórter diante do fato (o recorte a ser feito), os métodos e técnicas de construção narrativa, os interesses mercadológicos, o perfil editorial da instituição e outros: todo o mecanismo por onde vai se esgueirar o constructo discursivo jornalístico leva a crer que seu movimento (que vai desde a cena enunciativa até o desdobramento de sua circulação e propagação) não está limitado a um percurso linear e simples.

Como dito anteriormente, a revista *piauí* apresenta uma forma incomum de narrar os fatos. Com bom humor, ironia e de forma despreziosa, a realidade brasileira é abordada através de artigos, quadrinhos, ilustrações, contos, por exemplo. O perfil editorial é centrado na singularidade. Não existe apenas um tema a ser abordado. Seu conteúdo se alicerça na diversidade espelhada no que é o Brasil: múltiplo. É importante



relevar que, apesar de pautar a contemporaneidade, existe pouca, se não nenhuma, preocupação com a cobertura de “fatos quentes”.

A publicação não possui público-alvo definido. É lida por pessoas de ambos os sexos e de todas as idades, “talvez isso explique a heterogeneidade do público, pois, de acordo com o IVC, 14% são jovens de 20 a 24 anos, mas também há pelo menos 6% dos leitores que passam dos 80” (VALENTINI; IJUIM, 2010, p. 78). Em dados atualizados oferecidos por EGM – Estudos Marplan (REVISTA PIAUÍ), 30% do público leitor está na faixa etária 25 e 34 anos; e 29% em mais de 50 anos de idade. Em terceiro lugar, com 23%, está a faixa de 35 e 49 anos. “Nossos leitores não se definem por gênero, idade ou faixa de renda. O que os une é a escolaridade, uma das maiores entre o público leitor brasileiro. São pessoas com capital intelectual” (REVISTA PIAUÍ).

O conteúdo vai de encontro ao que o Jornalismo convencional atual propõe: a redução dos textos, utilização de imagem como informação, a instantaneidade dos fatos. A *piauí* entende que os jornais e revistas de hoje comentam um mesmo fato e brigam, dessa forma, com a internet e a televisão pela atenção do leitor. A intenção da editoração, portanto, é narrar a história de forma abrangente e aprofundada. E, sobretudo contextualizada. Os textos são longos e autorais.

Gostamos de imaginar que somos uma revista serena, que dá tempo a seus jornalistas para que trabalhem, e que isso não é sinônimo de lentidão, mas de apuro. Talvez tenhamos sido influenciados pelas nossas leituras de criança, quando aprendemos que nem sempre a lebre vence a corrida (REVISTA PIAUÍ).

Os jornalistas de *piauí* têm liberdade para sugerir assuntos a serem abordados, bem como autonomia para apuração e tempo necessário para a produção. A redação é enxuta para o porte da revista: são 17 autores, porém, muitos colaboradores – e a colaboração é algo que a publicação insiste em incentivar. Cerca de 90% do total de conteúdo de uma edição é disponibilizado no site oficial da revista sem custos. Lá é possível acessar um acervo que contém as edições passadas, inclusive de outros anos. De acordo com o Google Analytics (REVISTA PIAUÍ), a visita média anual da página (2016), com visita única/mês, é de 840.793.

Para a revista *piauí*, é vital que as narrativas sejam contadas de forma original, não usual, fator que as aproxima das estéticas literárias. O Jornalismo Literário propõe



um formato que supostamente não cabe a uma enunciação noticiosa/informativa. Abriga uma forma ampla de narrar um fato/história que foge da narrativa rápida e “quente” do fazer jornalístico tradicional. Sobre sua construção, aspectos que resignam a criação – que tem acesso livre na narrativa literária – batem a porta da narrativa noticiosa e pedem para entrar. Sua narrativa permite a voz autoral – o repórter pode ser narrador-personagem, o uso de figuras de linguagem como a metáfora. Ou seja, há, nessa disposição textual, a permissão para a ação subjetiva.

Estética e beleza buscam estar sempre aliadas à preocupação com a ética e a veracidade dos fatos, que tem como resultado o prazer da leitura. Observa-se, portanto, que o Jornalismo, mesmo com a sua necessidade da objetividade, e a Literatura, com todo o seu respeito aos sentidos únicos e amplos de cada palavra, podem se misturar de forma produtiva.

O Jornalismo Literário posiciona-se em uma dimensão fronteira sem limites muito bem definidos, por isso pode parecer um campo demasiado complexo de classificar. É uma forma de produção editorial cujo discurso é divergente do noticioso, pois seus mecanismos de elaboração passam pelas práticas jornalísticas. Alguns apontam que a “contaminação” sofrida pela ficção o corrompe. Mas... até que ponto essa contaminação pode desqualificá-lo como discurso noticioso? Entre os autores da teoria construcionista e do *newsmaking* há uma grande desconfiança exatamente por conta de uma quebra de paradigmas – e, por que não dizer, dos dogmas instituídos na história do Jornalismo.

Quando questionado – em entrevista pessoal² durante o “Festival piauí de Jornalismo”, acontecido em 15 e 16 de novembro de 2014 – se a revista faz Jornalismo Literário, João Moreira Salles, um dos fundadores da publicação, esquivava-se e explica que não é jornalista e sim um documentarista, por isso quem deve classificar (ou simplesmente não classificar) são as outras pessoas. Ele explica que vê, nessa classificação, uma pretensão, e que isso diminui o Jornalismo de certa forma. Para o cineasta, é como se para se legitimar e ser considerado bom, o Jornalismo tivesse que tomar de empréstimo categorias de outro campo. Ele acredita que o gênero já é suficientemente interessante, com códigos ricos que não precisam da legitimidade intelectual e estética que venha de outro lugar. Salles explica que entende o construto

² Entrevista concedida no dia 17 de novembro de 2014.



discursivo de *piauí* como um jornalismo narrativo, o qual se preocupa com a forma, de maneira que o leitor sinta interesse e prazer pelo fluir da história a partir da habilidade que ela é contada, não apenas pela informação, mas também pela sedução da forma. Ele conta que costumava dizer que uma reportagem que dá certo na *piauí* é aquela sobre um assunto que não interessa ao leitor, ou seja, que está longe de seus interesses mas que, ao arriscar, esse leitor chega até o final do texto. A maneira que a revista “fala”, para Salles está diretamente ligada a uma convicção que ele tem sobre o documentário: o documentário não é um assunto, é uma maneira de falar sobre um assunto. Dessa forma, ele entende que é preciso contar a história através de um personagem, isto é, inverter o caminho óbvio e encarnar a narrativa em um personagem – e não imediatamente num fato noticioso.

Algumas hipóteses para o êxito editorial da *piauí* podem ser a possível crise de identidade que o jornalismo vem passando – em uma observação pessoal. A produção que outrora buscava estar mais próxima do humano, a fim de fazer um retrato mais próximo do literal possível, cedeu (ou perdeu) lugar para o pouco espaço dedicado a textos com maior densidade, a abordagem clichê dos fatos, ou até mesmo as demandas cada vez mais superficiais dos leitores.

Evidencia-se, dessa forma, a importância de identificar e reconhecer divergências e convergências do discurso do Jornalismo Literário com o Jornalismo comum (tradicional) e com a estética literária. Identificando não só seus aspectos de linguagem e organização narrativa, como também questões históricas e epistemológicas. Colocar em diálogo as questões de verdade e fantasia, de real e representação de objetividade e criação, de factual e ficcional.

Walter Benjamin (1985) entende que a narração está praticamente morta, e credita isso ao surgimento da Literatura romântica e à grande imprensa (informação), que para o autor se dá pela verificação imediata, o que a difere da narrativa, que possui vez, busca poupar grandes explicações. A narrativa jornalística com toques de estética literária pode acrescentar qualidade aos textos convencionais de reportagem.

É preciso pensar a narrativa noticiosa além das sugestões construcionistas e gessos imobilizantes dos formatos evangelizados através dos anos. Limitar os discursos jornalísticos a moldes e rotulá-los de subgêneros pode ser arriscado.



Por mais que a Literatura fale de contextos que remetem a uma realidade que compreende as circunstâncias que se dá seu texto (uma realidade), seu discurso não deve suplantar os discursos históricos e/ou noticiosos. Seus arranjos complexos, porém, abrangentes (onde se evidenciam a verossimilhança, o diálogo e a polifonia, por exemplo) deve, enquanto objeto fruto de um imaginário convencer, isto é, fazer sentido, encontrar afinidade e identificação de quem o recebe. Não devem ser limitados a estruturas fechadas de concepção ou apreensão de mundos.

O discurso noticioso é também pluridiscursivo, suscetível a manejos, de natureza dialógica e polifônica, tal qual é o discurso literário. O Jornalismo Literário, por seu turno, emerge como hibridização dessas duas searas discursivas distintas. Dessa forma, pode ser encarado como uma possibilidade da plurifocalização de discursos que, por maiores que sejam suas divergências, imbricam em uma formação discursiva autônoma e peculiar, mesmo que de dimensão múltipla.

No Jornalismo do dia a dia, o Jornalismo Literário pode ser visto, dentro da lógica mercadológica, como não muito rentável – de acordo com sua dinâmica pouco ou nada acelerada. O tempo necessário para um texto de êxito pode não ser uma realidade para muitas instituições que primam muito mais pelo retorno do instantâneo. Em contrapartida, seu produto bem trabalhado, bem acabado, cuja linguagem é talhada com primor pode ser um diferencial que seduza o leitor cansado de encontrar os mesmos produtos dispostos na estante.

As convenções que se formaram às margens do encontro dos dois discursos (jornalístico e literário) devem ser, obrigatoriamente, passíveis de discussão. As relações entre o enunciado, a recepção, os entremeios das formações discursivas, os mecanismos de formação de sentido e recepção: todos esses conceitos são essenciais para a compreensão desse “novo” discurso. O acionamento das duas formas discursivas evidencia que há um contrato de leitura e de relacionamento baseado no que se identifica e no que faz sentido para quem recebe o discurso.

As narrativas de *piauí* são construídas baseadas no que é familiar ao leitor, no que causa empatia junto ao público. Estética e beleza buscam estar sempre aliadas à preocupação com a ética e a veracidade dos fatos, que tem como resultado o prazer da leitura. Percebe-se, portanto, que o Jornalismo, mesmo com a sua necessidade da



objetividade, e a Literatura, com todo o seu respeito aos sentidos únicos e amplos de cada palavra, podem se misturar de forma produtiva.

O discurso jornalístico deve perceber e constatar que até mesmo seu construto baseado no fato (leia-se “verdade”) passa pelos mecanismos de seleção, acordos, adjunções e transformações. Negar esses aspectos é já reconhecer que existe um processo ficcional em seu funcionamento. Dessa forma, devemos atentar que para o fato de que o jornalismo se empenha – de acordo com seu *modus operandi* – não em alcançar a apreensão de uma realidade plena, mas sim de buscar ser o mais próximo da verdade que possa ser (a partir da produção e difusão de representações discursivas). De acordo com o que explica Sodré, “usar recursos consagrados na literatura para melhor realizar uma reportagem ou uma notícia não implica produzir ficção literária” (SODRÉ, 2009, p. 157).

A lógica (se é que existe uma) do Jornalismo Literário compreende as margens móveis entre os dois discursos que, por sua vez, compreendem as margens de criação e da realidade. Os discursos jornalísticos e literários (e também pode-se incluir o histórico) muito podem se beneficiar uns dos mecanismos dos outros. O Jornalismo Literário é considerado, na mesma medida, uma enunciação de potencial transgressor (e, por extensão, transformador) e diferenciado de produção jornalística, quem sabe até sucedendo as tradições as quais a prática jornalística está habituada. As discussões sobre o Jornalismo Literário devem avançar não apenas a partir do levantamento de questões que estejam ligadas apenas as formações de linguagem, mas também deve se encarar seu patrimônio simbólico, seu discurso dotado de autoridade, e seu lugar enquanto força motriz de uma estrutura que apreende história.

O que a revista *piauí* faz em seu tempo é, sem dúvidas, uma manifestação clara de que o Jornalismo Literário brasileiro se faz vivo.

Observa-se, portanto, que as práticas discursivas em *piauí* permeiam tanto a Literatura quanto o Jornalismo, de forma ampla e aberta ao diálogo. Dessa forma, não devem existir modelos ou métodos determinando as questões envolvidas em suas formações textuais. Toma-se essa determinante também para o discurso do Jornalismo Literário. Associá-lo a moldes, aplicar mecanismos ou impor técnicas de procedimentos seria como uma tortura dos sujeitos (autor e leitor) que operam o discurso, podendo-o



de sua mais ampla difusão. Percebe-se isso a partir do momento que é impossível identificar fronteiras entre os vastos domínios da Literatura e do Jornalismo.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. 4. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

REVISTA PIAUÍ. *Mídia kit*. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/wp-content/uploads/2017/01/apresenta%C3%A7%C3%A3o-revista-piau%C3%AD-19-de-janeiro-de-2017.pdf>>. Acesso em: 14 de abril de 2017.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

VALENTINI, Géssica. Gabrieli, IJUIM Jorge Kanehide. *A realidade “com um parafuso a mais”*: teoria construcionista x revista piauí. Rev. Estud. Comun., Curitiba, 2010. Vol. 11, n. 24.